



DOI: 10.20911/25260782v11n2p12/2026

Compreendendo a Relação Entre Jovens Estudantes e Docentes no Contexto do Ensino Médio Integrado no Instituto Federal de Minas Gerais

*Ranucy Campos Marçal da Cruz¹**Juliana Batista dos Reis²*

RESUMO: Este artigo é fruto de uma pesquisa de Doutorado que teve como objetivo investigar a relação docente – discente no ambiente escolar e buscou compreender a partir da visão dos jovens estudantes e dos/as docentes, como esta relação se intercriza com os modos de ser jovem e viver a condição juvenil durante o percurso do EM no IFMG. Para o desenvolvimento da pesquisa, realizamos um levantamento bibliográfico para compreender o que as pesquisas acadêmicas nos diziam a respeito da relação entre educandos e educadores, os quais serão apresentados neste artigo em diálogo com a literatura da área.

PALAVRAS-CHAVE: Relação docente-discente; Juventudes; Docência; Ensino Médio

ABSTRACT: The objective of this article was to investigate the teacher-student relationship on the school environment and sought to understand how the relationship intertwines with the ways of being young and live the youthful condition along high school years in IFMG, from the students' and teachers' point of view. For the development of this research, a bibliographic survey was taken to understand what academic researches tell us about the relationship between teachers and students, which are presented in this article in dialogue with the area's literature.

KEY-WORDS: Teacher-student relations; Youths; Teaching; High school

INTRODUÇÃO

A condição juvenil dos/as jovens do Ensino Médio (EM) do Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG) são vivenciadas de forma diversa no cotidiano escolar e também fora dele, mas a compreensão dessa condição juvenil ainda é distante do corpo docente da escola. Ao conversarmos com jovens estudantes durante as aulas ou projetos de extensão, percebemos uma complexidade na relação entre docentes e discentes: diversas são as opiniões entre os estudantes sobre quem são os professores/as que os/as veem na sua totalidade, para além do “ofício de aluno”.

1 Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação, Conhecimento e Inclusão Social da Universidade Federal de Minas Gerais e Professora no Instituto Federal de Minas Gerais. E-mail: ranucy.cruz@ifmg.edu.br.

2 Professora adjunta na Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: jubtr@yahoo.com.br

Com a ampliação dos Institutos Federais e novas políticas que impactam diretamente na mudança do público que passa a acessar a instituição, algumas visões de docentes sobre os/as jovens do EM integrado ainda permanecem as mesmas de anos atrás e isso impacta na experiência escolar de jovens do EM.

Aqui se encontra a principal problemática da pesquisa de doutorado que está sendo desenvolvida no Programa de Educação, Conhecimento e Inclusão Social da Universidade Federal de Minas Gerais, ter como objeto de investigação a relação docente - discente, buscando compreender a partir da visão dos jovens estudantes e dos/as docentes, como esta relação se intercruza com os modos de ser jovem e viver a condição juvenil durante o percurso no EM no IFMG.

Sendo assim, o foco da pesquisa é a relação entre os sujeitos da educação (educandos e educadores), tendo como ponto de partida a seguinte pergunta: *como as relações entre docentes e jovens estudantes se constituem e se produzem no contexto do Ensino Médio Integrado no IFMG?*

Para desenvolvimento da pesquisa, realizamos um levantamento bibliográfico para compreender o que as pesquisas acadêmicas nos diziam a respeito da relação entre educandos e educadores, os quais serão apresentados neste trabalho em diálogo com a literatura da área.

1 REFLEXÕES SOBRE A RELAÇÃO DOCENTE - DISCENTE EM DIÁLOGO COM OS ESTUDOS SOBRE JUVENTUDES

Desafiadas a compreender como as relações entre docentes e jovens estudantes se constituem e se produzem no contexto do Ensino Médio Integrado no IFMG, localizaremos neste tópico o campo teórico-analítico que auxiliará nas reflexões e problematizações deste trabalho.

Pretendemos estabelecer uma reflexão teórica com autores e conceitos que nos ajudem a articular a dimensão da relação docente-discente amparada pela questão juvenil. Para tanto, é importante indicar que o interesse da pesquisa está centrado em investigar a relação entre professores/as e estudantes do Ensino Médio e entre estudantes e seus professores/as sob a ótica da vivência da condição juvenil.

Para Inês Teixeira (2014), a relação entre os/as sujeitos da ação educativa (professores/as e estudantes) é a condição de fundação e de realização da docência. Para defini-la, a autora diz que nela está o “coração da docência”. Teixeira complementa dizendo que “independentemente dos territórios escolares, dos calendários, dos horários, dos tempos históricos”, sempre existirá um “ponto comum entre todos os professores do mundo: nossas relações” (Teixeira, 2014, p.13-14).

Para Inês Teixeira (2007), a relação docente/discente poderá favorecer ou desfavorecer, impedir ou realizar experiências emancipatórias e humanizadoras, ou o seu inverso, nos (in) acabamentos éticos e estéticos nela implicados” (p.433).

Esta relação, portanto, objeto principal de análise neste trabalho, possui algumas características, a primeira delas que vou tratar é seu caráter geracional. Para Inês Teixeira (2014), as relações docentes / discentes são relações intergeracionais, uma vez que professores/as e seus/as

alunos, estão localizados em diferentes posicionamentos nas temporalidades históricas, conforme pode ser percebido no trecho a seguir:

Nas temporalidades (con)viventes nos territórios da escola de Ensino Médio, os docentes têm faixas de idade distintas, mais distantes, ou menos, dos estudantes. Em geral, pertencemos às gerações mais antigas ou intermediárias – com um passado mais largo e um futuro mais curto – em relação à geração em que nossas turmas se localizam, que têm um futuro mais amplo e um passado mais curto. (Teixeira, 2014, p. 19)

Miguel Arroyo (2014) seguindo a mesma compreensão, diz que os/as professores “são *Outros* em gênero, origem social, racial, trazem saberes, leituras de mundo e de si mesmos” (Arroyo, 2014, p 55). Ao mesmo tempo que “os jovens estudantes que vão chegando ao Ensino Médio são também *Outros*, de outras origens sociais, raciais, étnicas, dos campos e das periferias” (Arroyo, 2014, p 55).

Trata-se, portanto, de “reconhecer os mestres e alunos sujeitos da produção de *Outros* conhecimentos, não meros transmissores-aprendizes do conhecimento hegemônico” (Arroyo, 2014, p 55). Tendo em vista outra dimensão da relação entre docentes e discentes, segundo Inês Teixeira (2014), é que as mesmas são “mediadas pelos processos de aprender e ensinar, pelos processos de transmissão, reelaboração e construção do conhecimento” (Teixeira, 2014, p. 20).

Entretanto, como nos alerta a autora, é preciso ter cuidado, porque a forma e os conteúdos presentes nessas relações se modificam, embora alguns de seus traçados permaneçam, e é necessário que se modifiquem, para que pertençam ao seu próprio tempo [...] (Teixeira, 2014).

Diante do exposto acima, é possível perceber a importância da relação docente-discente para a educação. Entretanto, o problema/objeto desta pesquisa está centralizado na relação professor/a – estudante, por percebermos na docência e acessando resultados de pesquisas acadêmicas, que se instaurou uma crise nessa relação. Por um lado, diversas imagens sobre como deveriam ser os/as professores/as, são construídos por parte dos/as alunos, e por outro lado, inúmeras são as imagens construídas pelos/as docentes sobre os/as estudantes: vários rótulos, expectativas, frustrações e desejos são projetados por ambos os lados.

Geraldo Leão (2006) pesquisando os sentidos da escolarização por jovens pobres, contribui com essa discussão quando analisa essa situação por parte dos/as estudantes, mas também destacando a culpabilização que recai sobre os/as professores/as nessa dinâmica, segundo ele:

É comum ouvirmos depoimentos como: “os jovens não valorizam a escola”; “são todos uns marginais”; “são uns bárbaros”; “ameaçam os professores”. Por outro lado, há também uma tendência a transferir a responsabilidade para os professores: “são corporativos”; “estão desanimados”; “não compreendem os alunos”; “são desatualizados e incompetentes”. O fato mais banal e aparente, no entanto, não é considerado: a escola é um espaço onde pessoas se encontram e produzem relações

sociais. Essas relações poderão ser ricas e humanas, mas também poderão ser desumanizadoras (Leão, 2006, p. 47).

Inês Teixeira (2007), explica detalhadamente essa situação do ponto de vista da docência:

Está colocado um problema no coração da docência, pois as representações e imagens dos docentes sobre os discentes dão significado e sentido às condutas pedagógicas, dão significado e perspectivas às suas relações com seus alunos. Elas modelam, influenciam, imprimem conteúdos e formas às condutas dos professores no jogo das relações docentes/discentes. Tais imagens e representações dão sentidos, significados e atribuem sentimentos à experiência e à condição docente. Quando a dificuldade do professor está no aluno e em suas relações com ele, estamos diante de um problema fundante, de um desafio imensurável. (Teixeira, 2007, p. 440).

Do ponto de vista dos/as estudantes, Juarez Dayrell (2007) diz que vem ocorrendo uma mudança significativa na relação dos/as jovens com seus/as professores/as, “onde os alunos não se mostram dispostos a reconhecer a autoridade do professor como natural e óbvia” (Dayrell, 2007, p. 1121).

Paulo Freire (2001), em “Pedagogia da Autonomia”, bell hooks (2013), em “Ensinando a Transgredir” e Alexandre Barbosa Pereira (2017), em “Do controverso “chão da escola” às controvérsias da etnografia”, trazem alguns elementos que nos ajudam a refletir sobre a relação docente-discente e sobre suas transformações e demandas instauradas nas últimas décadas.

Ao trabalhar no artigo sobre a relação da etnografia com a educação, Alexandre Pereira localiza o cotidiano escolar como um importante lugar para serem realizadas pesquisas etnográficas. Entre outras questões, a que se destaca e que utilizarei neste trabalho é a dimensão de alteridade usada pelo autor para descrever as relações existentes entre professores/as e estudantes no cotidiano escolar. O autor explica que no:

[..] cotidiano da educação, a alteridade é evidenciada a todo momento por colocar em contato pessoas ou grupos de diferentes gerações e, conseqüentemente, de mundos diferentes. Uma das grandes questões da educação escolar contemporânea, particularmente no Brasil, reside justamente nessa dificuldade que a instituição escolar tem, de uma maneira geral, de encarar seus outros, de lidar com a relação professor/estudante, que envolve, ao mesmo tempo, uma interação pautada na autoridade, mas também no reconhecimento e no respeito das diferenças do outro, uma questão de múltiplas alteridades, portanto (Pereira, 2017, p. 166).

bell hooks, dialogando com as obras de Paulo Freire, disse que o trabalho educativo é também coletivo, ou seja, acontece tanto por parte dos professores/as, como parte dos/as estudantes, com um esforço mútuo de ambas as partes. Para a autora:

Desde o começo, foi a insistência de Freire na educação como prática da liberdade que me encorajou a criar estratégias para o que ele chamava de “conscientização” em sala de aula. Traduzindo esse termo como consciência e engajamentos críticos, entrei nas salas de aula convicta de que tanto eu quanto todos os alunos tínhamos de ser participantes ativos, não consumidores passivos. (bell hooks, 2013, p.26)

A ideia de que o trabalho educativo demanda um esforço coletivo e, portanto, um comprometimento dos/as sujeitos envolvidos, traz uma importante abordagem para pensarmos a relação entre professores/as e estudantes. bell hooks (2013) diz que “a pedagogia engajada necessariamente valoriza a expressão do aluno” (p.34). Ao relatar críticas ao ensino que teve em sua formação e a que vivencia com seus colegas de trabalho em instituições escolares, bell hooks, faz, portanto, a defesa de que a expressão do aluno seja valorizada em sala de aula.

Paulo Freire (2001), em sua obra intitulada “Pedagogia da Autonomia”, afirmou que “ensinar exige saber escutar” (p.110), ele explica que:

“[...] quão importante e necessário é saber escutar. Se na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitido aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles. [...] O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele” (p.111)

Nesse sentido, a dimensão da alteridade e escuta aparece em ambos os trabalhos como algo fundante da relação docente-discente e ao mesmo tempo como algo muito difícil de ser alcançado. Juarez Dayrell e Paulo Carrano (2014) contribuem com essa discussão ao afirmarem que a capacidade de escuta e argumentação são dois recursos fundamentais no trabalho docente, pois “muitos dos conflitos entre os jovens e as instituições são provocados pelas dificuldades de tradução dos sinais que não conseguimos [os professores/as] decifrar” (Dayrell e Carrano, 2014, p.128).

Para compreendermos a relação docente-discente, precisamos também entender a condição dos/as sujeitos envolvidos no processo educativo. Inês Teixeira (1998), faz uma distinção entre o sujeito sociocultural e o sujeito sociocultural professor, dizendo que este último é regido pela relação professor-aluno, pelas marcas da escola na condição professor e pelo determinante tempo em sua vida.

Na perspectiva dos/as jovens estudantes, Marília Sposito e Izabel Galvão (2004), identificaram em suas pesquisas que, entre a ação de ensinar e o aprender, situa-se o sujeito que reivindica estar envolvido no processo educacional, sinalizando [os jovens] “o quanto são sensíveis ao interesse demonstrado pelo professor e ao modo como este o vê” (Sposito e Galvão, 2004, p. 364).

2 O CONTEXTO DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO NA REDE FEDERAL

Acompanhamos nas últimas décadas o crescimento da oferta e acesso ao ensino médio, devido a políticas governamentais que passaram a considerar o ensino médio também como uma etapa de escolarização obrigatória. Essa expansão do acesso ao ensino médio também aconteceu na rede federal³ de ensino. Diante de tamanho crescimento da rede federal apresentamos neste trabalho a demanda por pesquisas que contemplem a relação dos/as jovens estudantes no contexto do Ensino Médio Integrado e na relação com seus docentes, buscando entender como a juventude contemporânea têm construído suas relações no contexto escolar.

É possível perceber que os campis que já eram estruturados na antiga configuração da rede, também foram impactados com a unificação em Instituto Federal, pois com o surgimento da lei de cotas em 2012⁴, o público que antes não acessavam estas escolas, passou a ocupá-la, trazendo consigo diversos desejos e demandas, aumentando, portanto, a necessidade por pesquisas que considerem o olhar e experiências dos/as jovens em diálogo com a visão dos/as docentes.

Carmo (2022), em seu levantamento bibliográfico, no catálogo CAPES, a partir de 2014, sobre pesquisas no contexto das escolas federais encontrou 87 trabalhos, entre teses e dissertações, concluindo que ainda são incipientes os trabalhos sobre aspectos da condição juvenil e das suas experiências para além da condição de estudantes.

3 O QUE NOS DIZEM AS PESQUISAS QUE INVESTIGARAM A RELAÇÃO DOCENTE - DISCENTE?

Realizamos um levantamento bibliográfico e procuramos não focar apenas no ensino médio integrado no contexto dos Institutos Federais, para buscar compreender como as pesquisas com foco nessa relação estão sendo construídas. Essa opção se apresentou como possibilidade ao percebermos no levantamento bibliográfico com as palavras-chaves “relação docente-discente” nos portais de busca de periódicos, a dificuldade de encontrarmos trabalhos acadêmicos no contexto da rede federal.

O levantamento bibliográfico foi realizado no portal da CAPES, em maio de 2024, com as palavras-chave⁵: “juventude”; “professores”; “ensino médio” Foram encontrados cinquenta (50) trabalhos, publicados nos últimos cinco (5) anos. Foram lidos os títulos e resumos para escolha das publicações que mais se aproximavam do objeto desta pesquisa. Sendo assim, foram selecionados cinco (5) trabalhos, os quais serão tratados na sequência.

No primeiro trabalho “Do sacrifício ao futuro promissor: aluno de ensino médio nas representações sociais de professores”, os autores Laeda Bezerra Machado e Lucivania Barbosa

3 Criada em 2008 pela [Lei nº 11.892](#), de 29 de dezembro, a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, também conhecida por Rede Federal, constituiu-se em um marco na ampliação, interiorização e diversificação da educação profissional e tecnológica no país. Disponível em: [Rede Federal - Ministério da Educação \(mec.gov.br\)](#).

4 As instituições da Rede Federal seguem as determinações da [Lei nº 12.711 de 2012](#).

5 Foi utilizado o operador boleado “AND” para a busca dos trabalhos.

Evangelista, buscaram identificar a estrutura das representações sociais de “aluno de escola pública de ensino médio,” elaboradas por seus professores. Foi adotada a Teoria das Representações Sociais (TRS) e desenvolvido um estudo de campo online com 71 professores da Rede Estadual de Pernambuco. Os resultados da pesquisa indicam que os professores reconhecem o contexto de pobreza, dificuldades, desigualdade de seus alunos, e que mesmo nesse contexto adverso, a maior parte dos professores/as reconhecem o potencial dos estudantes e confia que eles possam superar as adversidades no Ensino Médio. Discute –se, ao final do artigo, a melhoria das políticas públicas para diminuição das desigualdades no Ensino Médio.

No segundo trabalho, nomeado “Elementos da didática para a juventude”, a autora Silvana Soares de Araujo Mesquita, busca refletir sobre uma didática para a juventude a partir das perspectivas dos próprios jovens sobre a escola e a prática docente, buscando identificar elementos da didática que contribuam com o processo de ensinar para jovens. A pesquisa foi desenvolvida em uma escola pública de ensino médio que atende jovens da periferia do Rio de Janeiro e contou com observações das aulas e aplicação de questionários aos alunos.

O artigo questiona o quanto a didática, também em sua perspectiva política, social e humana dialoga com as temáticas que afligem os jovens nas salas de aula das escolas públicas de hoje. Os resultados da pesquisa evidenciaram que “essa diversidade nas condições e culturas juvenis dentro da mesma escola indica também heterogeneidade entre os objetivos e sentidos que os jovens atribuem à escola de ensino médio” (Mesquita, 2020, p. 209).

Na pesquisa, a dimensão relacional da didática dos “bons professores” foi destacada nas práticas de interação professor-aluno, formas de tratamento e construção de regras no cotidiano da sala de aula, conforme podemos verificar no seguinte trecho:

Constatou-se que a interação professor-aluno na prática docente se caracteriza pelo reconhecimento das características individuais dos jovens, de suas experiências e do contexto em que vivem. Os professores indicados pelos alunos demonstram em suas aulas que têm consciência de quem são seus alunos e utilizam essas informações para se relacionar com eles. Deixam o aluno falar sobre sua vida pessoal, seus gostos e até suas aflições. Não ridicularizam suas escolhas, mas expandem suas ideias pelas trocas que estabelecem. (Mesquita, 2020, p.213)

O terceiro trabalho, com o título “Concepções de professores sobre identidades juvenis no contexto das redes sociais virtuais”, escrito por Douglas Pereira da Costa, teve como objetivo discutir as concepções de cinco professores de Ensino Médio Integrado do Instituto Federal do Piauí sobre identidades juvenis no contexto das redes sociais virtuais, por meio de entrevistas. Neste trabalho, também, apareceu a importância da dimensão relacional, no seguinte trecho:

“Dessa forma, destaca-se a conexão dialógica como caminho para professores conhecerem as características que diferem as novas gerações, tendo em vista que as revoluções tecnológicas e a massificação da in-

ternet modificaram as formas de ser, agir, pensar, comportar-se e relacionar-se. Ao adentrar à escola, as composições de mundos dos alunos jovens, bem como de suas identidades produzidas fora dela, inserem-se no ambiente escolar, acompanhando e interferindo diretamente na trajetória formativa dos estudantes e nas relações interpessoais. No ritmo das céleres composições virtuais, na maioria das vezes, não sobra espaço e tempo, por parte dos profissionais da educação, para o desenvolvimento de uma escuta sensível com os alunos. No entanto, as gerações atuais sentem necessidade de serem ouvidas, impondo à escola e aos professores que adotem uma postura de ouvintes. No instante em que isso acontece, efetiva-se o que Rubem Alves (2010) denomina de “escutatória”, o aprendizado do ouvir. A partir dessa escuta sensível é possível perceber o conjunto de necessidades dos estudantes e desenvolver afeto, afeição e empatia com a condição juvenil”. (Costa, 2020, p. 6-7)

O quarto trabalho, intitulado “Escola e juventude – **breves** reflexões”, foi fruto da dissertação intitulada “Imaginários de violência na relação professor-aluno”, no Programa de Pós-Graduação da UNIOESTE/PR e de autoria de Eliane Dos Santos Macedo Oliveira. Na pesquisa foi considerado três questões de um questionário semiestruturado que objetivou identificar as percepções dos estudantes sobre o espaço de diálogo oportunizado pelas equipes escolares e pelos professores em momentos variados das suas rotinas institucionais.

Destaco os achados da pesquisa que se direcionaram para a relação dos estudantes com os/as docentes. Para os estudantes pesquisados, é importante a ocorrência de diálogo entres professores/as e estudantes, entretanto, os resultados da pesquisa indicam que:

[...] as falas dos estudantes demonstraram que são poucos os professores que oportunizam o questionamento e dialogam sobre processos escolares por eles desenvolvidos. Tal posicionamento se dá por considerarem que há professores que ignoram suas proposições e inquietações. Professores que não reavaliam, que não retomam conteúdos não compreendidos, bem como, professores com os quais não conseguem conversar, por sentirem medo. Nesta linha, destacaram não haver diálogos sobre os processos escolares ressaltados e, revelaram que mesmo que questionados sobre mais processos escolares, os referentes à avaliação, como as notas são respondidos de maneira técnica, como por exemplo, mostrar os registros avaliativos. (Oliveira, 2021, p. 289)

Por fim, no quinto trabalho, “Marcas de professores na trajetória de vida de jovens egressos do ensino médio”, escrito por Suzana Feldens Schwertner e Bianca Isabel Pederiva, foram discutidas as percepções de egressos do Ensino Médio acerca das marcas de professores em sua trajetória de vida. Para tal, foram elaboradas três unidades de análise: dos gestos com a matéria; da escuta e do socorro e da vocação para o ofício de professor, que versaram sobre as maestrias

com a matéria, a importância dos professores e suas marcas na vida dos estudantes e, inclusive, seus efeitos na escolha da profissão vindoura.

Nos resultados da pesquisa, chama a atenção a importância que os estudantes egressos do Ensino Médio deram para a “escuta” proporcionada pelos/as docentes, com exemplificado no trecho a seguir:

“A partir do abordado pelos egressos, nota-se que eles sentiam que tais gestos de cuidado eram articulados aos vários momentos em que foram escutados pelos seus professores. Considerando-a um elemento humano, elegem a escuta como um movimento de interesse, de preocupação e, muitas vezes, de socorro – que vem do professor e se direciona aos estudantes [...]. Articulada a esta, aparece uma escuta que é disposta, ativa, que diz mais de uma ação participativa do que apenas receptora, ou seja, que se interessa por aquilo que o estudante tem a dizer, que nele investe e o encontra” (Schwertner e Pederiva, 2023, p.9)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da descrição dos trabalhos acima e apresentação dos principais resultados que dialogam com o problema / pergunta desta pesquisa, foi possível identificarmos que os trabalhos aqui mencionados alternam entre ter uma escolha metodológica na pesquisa de escuta com os/as professores/as ou com os/as jovens estudantes.

Além disso, foi possível identificar que as pesquisas encontradas, de certa forma, destacam os processos de aprendizagem e rendimento acadêmico no contexto educacional, ainda que sejam mencionados os processos de escuta dos/as docentes como importante para os/as jovens estudantes. Assim, a maioria das pesquisas tendem a caminhar para uma investigação que compreenda como a relação de jovens estudantes com seus professores/as auxilia nos processos educativos visando melhores resultados.

O último trabalho “Marcas de professores na trajetória de vida de jovens egressos do ensino médio” é o que mais se distancia dessa tentativa, talvez por pesquisar jovens que já se formaram no EM. De certa forma, pode-se imaginar um desafio de se pesquisar jovens durante o percurso do EM, buscando entender os modos de ser jovem e como a relação com os/as docentes se constitui e se produz, para além de uma possível ideia utilitarista: a relação com os/as docentes ajuda o/a estudante a ter boas notas e rendimento acadêmico?

Sendo assim, estes trabalhos descritos nos ajudam a pensar escolhas que apontem caminhos de investigação com jovens e docentes extrapolando a ideia utilitarista que se pode ter da relação entre educadores e educandos. O campo acadêmico demanda por mais pesquisas que levem em consideração, também, as experiências, vivências e sentidos atribuídos de jovens e docentes no importante e complexo processo educativo que é o Ensino Médio no Brasil. Além disso, apresenta-se como demanda pesquisas que contribuam com a compreensão da condição

juvenil e das experiências dos/as jovens para além da condição de estudantes no contexto no Ensino Médio Integrado na rede federal, por ser esta uma rede em expansão e que dialoga com importantes políticas educacionais.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. Repensar o Ensino Médio: por quê? Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo. DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares. Organizadores. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

BRASIL. Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica e cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. 2008.

CARMO, Helen Cristina do. É difícil, mas é bom: ser jovem no contexto do ensino médio integrado. Tese (doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte (2022).

COSTA, Douglas Pereira da. Concepções de professores sobre identidades juvenis no contexto das redes sociais virtuais. *Revista Prática Docente*. v. 5, n. 2, p. 1314-1328, jan/abr 2020.

DAYRELL, Juarez. A escola faz juventudes? Reflexões em torno da socialização da juventude. In: VIEIRA, Maria Manuel (Coord.). *Actores educativos: escola, jovens e media*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2007.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Juventude e Ensino Médio: quem é esse estudante que chega à escola? Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo. DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares. Organizadores. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

EVANGELISTA, Lucivania Barbosa ; MACHADO, Laeda Bezerra Machado. Do sacrifício ao futuro promissor: aluno de ensino médio nas representações sociais de professores *Roteiro*, Joaçaba, v. 48, jan./dez. 2023

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

LEÃO, Geraldo. Experiências da desigualdade: os sentidos da escolarização elaborados por jovens pobres. *Educação & Pesquisa*, v. 32, p. 31-48, 2006.

MESQUITA, Silvana. Elementos da didática para a juventude: Entre a dimensão relacional e a construção de sentidos *Revista Portuguesa de Educação*, 33(2), 200-225.

PEDERIVA, Bianca Isabel; SCHWERTNER, Suzana Feldens. Marcas de professores na trajetória de vida de jovens egressos do ensino médio *PERSPECTIVA*, Florianópolis, v. 41, n.3 p. 01-16, jul./set. 2023

PEREIRA, Alexandre. Do controverso “chão da escola” às controvérsias da etnografia: aproximações entre antropologia e educação. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 23, n. 49, p. 149-176, set./dez. 2017.

SPOSITO, Marília Pontes; GALVÃO, Izabel. A experiência e as percepções de jovens na vida escolar na encruzilhada das aprendizagens: o conhecimento, a indisciplina, a violência. *Revista Perspectiva*. Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

OLIVEIRA, Eliane dos Santos Macedo. Escola e Juventude: breves reflexões <https://seer.ufrgs.br/CadernosdoAplicacao> (online) Porto Alegre | jan.-jun. 2021 | v. 34 | n. 1

TEIXEIRA, Inês Castro. Os professores como sujeitos sócio-culturais. DAYRELL, Juarez et al. (Org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

TEIXEIRA, I. A. C. Da condição docente: primeiras aproximações teóricas. Educ. Soc., Campinas, V. 28, n. 99, p. 426-443, maio/ago, 2007.

TEIXEIRA, Inês. Uma Carta, um convite. Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo. DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares. Organizadores. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

Artigo Submetido em 30.09.2025 e aprovado em 02.11.2025.

Ranucy Campos Marçal da Cruz: Licenciada e Bacharel em Educação Física (UFMG), Mestre e Doutoranda em Educação (UFMG). Professora do Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG) / campus Ouro Preto. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1209-4871> - E-mail: ranucy.cruz@ifmg.edu.br. Endereço: Rua Panema, 261. Bairro Concórdia - Belo Horizonte / Minas Gerais.

Juliana Batista dos Reis: Licenciada e Bacharel em Ciências Sociais (UFMG), Mestre em Ciências Sociais (UFSCar) e Doutora em Educação (UFMG). Professora do Departamento de Ciências Aplicadas à Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Conhecimento e Inclusão Social da Universidade Federal de Minas Gerais. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6477-5388> - E-mail: jubtr@ufmg.br. Endereço: Campus Pampulha/UFMG. Faculdade de Educação. Avenida Antônio Carlos, nº 6627, Bairro Pampulha, Belo Horizonte - MG.

Editor: Dr. Geraldo Luiz De Mori

Avaliadores:

Dr. Victor Hugo Nedel Oliveira (UFRGS)

Dra. Symaira Poliana (UFMG)

Dr. Flávio Munhoz Sofiati (UFG)

Me. Joilson Toledo (UERJ)

Dr. Mateo Ortiz (Pontifícia Universidade Javeriana/Colômbia)

Dr. Nilson Weisheimer (UFRB)

Dr. Sebastião Everton de Oliveira (FAJE)

Dra. Martha Gutiérrez (Pontifícia Universidade Javeriana/Colômbia)